

**Enlaces freyrianos: vida, obra e contexto histórico.**

*Ana Paula Nunes; Débora Antunes;  
Gabriele Maciel; Manuella Rezende;  
Mariana Andrade; Maristella Paiva;  
Mônica Bento.  
Estudantes de Comunicação Social da  
Universidade Federal de Viçosa*

**Resumo**

Ao lado de Sérgio Buarque de Holanda e de Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre forma a tríade responsável pelos estudos coloniais na década de 30. Longe de atingir a satisfação plena a obra freyriana é amplamente criticada por ignorar as rivalidades presentes entre negros, brancos e índios; por colocar a mestiçagem como a salvadora da nação brasileira e também por louvar a figura do senhor de engenho nordestino, ocultando deste as crueldades e desmandos aos quais submetia seus escravos.

**Palavras-chave:** História do Brasil Colonial – Gilberto Freyre – Mestiçagem – Intelectuais Brasileiros

É tão raro o homem de uma só época como raro é hoje raro o homem de uma só cultura ou de uma só raça, ou como parece vir sendo, o indivíduo de um só sexo. – Gilberto Freyre

## **Introdução**

Para realizar a análise das obras de Gilberto Freyre, foi feita a análise de seus principais livros: *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados & Mocambos* e *Ordem & Progresso*, procurando também entrar em contato com outras obras do autor, tais como *Tempo Morto e Outros Tempos*, *Livro do Nordeste*, *Problemas Antropológicos Brasileiros*, entre outros livros e opúsculos encontrados em acervos virtuais.

Após tomar conhecimento das obras e das principais temáticas do autor pernambucano, procuramos artigos e depoimentos que comentavam e criticavam os livros freyrianos, destacando-se como críticos o brasilianista Thomas Skidmore, o professor da Universidade de Brasília Edson Nery da Fonseca.

Quanto à biografia, utilizamos como base a apresentada no livro *Casa Grande & Senzala*, a partir disso aprofundamos as pesquisas através de sites e artigos sobre a vida do autor, outras fontes de busca foram revistas e entrevistas concedidas por Gilberto Freyre ao longo de sua vida; também encontramos material de seus conhecidos e amigos relatando fragmentos de sua vida. O livro *Tempo Morto e Outros Tempos*, foi de grande valia por conter alguns elementos auto biográficos, no entanto, a obra planejada por Gilberto Freyre para sua biografia, *Um Homem no Meio de Um Século*, não foi escrita pelo autor.

Após as leituras e discussões o grupo se reuniu para a elaboração do presente artigo, valendo lembrar que três sites, além de outros trabalhos, foram de fundamental importância para

a pesquisa, a Biblioteca Virtual Gilberto Freyre, que conta com imenso acervo textual e iconográfico sobre o autor; a Biblioteca Virtual de Tropicologia, composta por artigos de Freyre e outros pesquisadores e a Fundação Gilberto Freyre, voltada mais para a divulgação desta que foi o último desejo de Freyre.

## **A) Vida**

### **1. Infância e adolescência**

É em um cenário, marcado pelo declínio da economia açucareira e da região nordeste, que em 15 de março de 1900, nasce Gilberto Freyre, em um modesto casarão burguês, situado na antiga Rua dos Afritos (atual Avenida Rosa e Silva), em Recife, Pernambuco. Seus pais determinaram grande parte da sua influência infantil, representando antagonismo que conviveram no autor durante toda sua juventude.

Sua mãe, Francisca Teixeira de Mello, vinha de uma tradicional família de senhores de engenho. É ela quem proporciona a Freyre o contato com os resquícios dos engenhos de açúcar pernambucanos:

Minha mãe nascera ainda no tempo da escravidão, embora já depois da Lei Rio Branco; e, sinhazinha branca, convivera com muitas mucamas, negras velhas, negras da Costa, escravas menos de sua Mãe viúva que dos seus tios, tendo dessas mucamas assimilado na meninice palavras, modos de dizer. – Gilberto Freyre, 1970 (*Apud* Veja, 2007).

Este falar herdado por Francisca, também foi repassado a Gilberto Freyre. Mas suas principais contribuições para a educação do filho foram a introdução ao ensino da língua francesa e o repasse da moral católica, ao contrário do pai, Alfredo Freyre, livre-pensador e que tentava incutir no filho valores que considerava mais ligados a razão.

Alfredo Freyre era juiz de direito e professor catedrático de economia política na Faculdade de Direito de Recife. Alfredo possui o rigor da fala acadêmica e ensinou o filho a língua inglesa, antes mesmo que aprendesse a portuguesa, língua com a qual tinha dificuldades.

Foi Alfredo quem procurou despertar em Gilberto Freyre o prazer pela vida intelectual, presenteando-lhe sempre com livros e deixando a influência das revistas francesas e inglesas que estava habituado a comprar.

É nesse antagonismo entre a intelectualidade do pai e a fé da mãe que Gilberto Freyre cresce, dosando suas leituras entre escritores cristãos, como Bunyan (autor de um dos livros cristãos mais vendidos – O peregrino) e Linvingstone (conhecido por suas experiências missionárias na África), ao do positivismo de Augusto Comte e do evolucionismo de Hebert Spencer.

Inicialmente o catolicismo inclina Gilberto Freyre a tornar-se um missionário na Amazônia, no entanto, mais tarde, Freyre abandona de vez a fé católica e ingressa no protestantismo, o que descontenta sua mãe. Mas o gosto pela intelectualidade inspirado pelo pai, Freyre nunca abandonaria.

É também pela influência paterna que Gilberto Freyre faz sua primeira leitura, *As Viagens de Gulliver*, do irlandês Jonathan Swift. O livro foi lido em sua língua original, já que Freyre apresentava dificuldades com o português.

Mas antes mesmo de ingressar na escola, aos oito anos, Freyre tem uma das experiências que acabam por despontar, anos mais tarde, em sua obra. Acontece que aos seis anos de idade, o menino fugiu de sua casa e foi abrigar-se na cidade de Olinda, isso acabou por gerar-lhe um sentimento de carinho pela cidade, vindo a denominá-la de “materna Olinda” e consagrando a ela um de seus livros, publicado em 1939, o *Guia Prático, Histórico e Sentimental*. Obra semelhante também foi redigida em homenagem a Recife, no ano de 1934.

Já aos oito anos Freyre ingressa no Jardim da Infância do Colégio Americano Gilreath. É nessa escola que notam a dificuldade do garoto para com a língua portuguesa e sua facilidade em se expressar através de desenhos, o que o levou a tomar aulas particulares de pintura com o paisagista Telles Júnior, que brigava com Freyre porque este “insistia em deturpar os originais”.

Apesar das dificuldades com a língua materna, Gilberto logo conseguiu dominá-la, aprendendo também latim, grego e francês (língua com a qual já tinha certa familiaridade devido aos ensinamentos de sua mãe). Sendo que aos catorze anos já conhecia obras primas mundiais como Horácio e Virgílio, passando logo a lecionar latim no colégio em que estudava.

Também com esta idade organizou a sociedade literária em seu colégio e fundou o jornalzinho “O lábaro”, onde publicou seus primeiros artigos. Dois anos mais tarde é convidado pelo jornalista paraibano Carlos Dias Fernandes a proferir uma conferência na Paraíba, tratando

do tema “Spencer e o problema da educação no Brasil”, o texto acabou por ser publicado no jornal *O Norte*, com elogios de Carlos Dias Fernandes.

É após essa época que os antagonismos da religião e da razão passados pelos pais tomam mais força. O jornal *Diário de Pernambuco* publica uma matéria sobre a religiosidade de Freyre com os seguintes dizeres:

Nessa época, começou a ficar conhecido por suas contradições, ao se definir como um socialista cristão, algo exótico naqueles tempos - especialmente para alguém com apenas 16 anos. Mas, como homem de personalidade, Freyre sustentou sua crença até a morte. E explicou o fato, na entrevista à *Playboy*, em março de 1980: "No colégio havia, no início das aulas, uma reunião de todos os alunos, onde o diretor lia versículos da Bíblia e fazia comentários. A figura de Cristo sempre aparecia como um renovador social. Isso me levou a uma visão do Cristianismo diferente da católica". (*Diário de Pernambuco*, 15 de março de 2000.)

Por conta desse socialismo cristão Freyre tem contato com os mocambos de Recife e sua população miserável. Os jornais e revistas ainda servem como fonte para outras particularidades sobre a vida de Gilberto Freyre, sobre sua infância cabe ressaltar uma entrevista concedida a *Playboy* no ano de 1980, intitulada “Falando de Política, Sexo e Vida”.

Nesta entrevista Freyre comentou sobre sua iniciação sexual durante a infância, que, como menino criado em meio a engenhos, aprendeu práticas como a masturbação com a folha de bananeira e, entre risos, comenta que seu primeiro contato sexual se deu com uma vaca, dizendo: “Experimentei o contato pecaminoso com uma vaca”.

Além disso, relatou seu primeiro contato com uma mulher, aos quinze anos de idade, uma empregada doméstica de vinte anos, com a qual permaneceu se encontrando por dois anos, Freyre definia essa sua primeira mulher como uma morena de aparência aristocrática e de belos pés, ressaltando, assim, sua admiração pelos pés femininos.

Retomando a trajetória de sua vida, Freyre, conclui seus estudos aos 17 anos, formando-se como bacharel em Ciências e Letras, foi escolhido como orador de sua turma e convida o historiador e diplomata Manuel de Oliveira Lima para paraninfo da solenidade, do qual se torna amigo por toda sua vida homenageando em um livro chamado Oliveira Lima, *Don Quixote Gordo*.

Após concluir seus estudos, Gilberto Freyre parte para o que denomina como sendo uma outra etapa de sua vida, pois vai estudar nos Estados Unidos. No entanto vale concluir que nesta época Freyre já despontava como um intelectual, tendo lido diversas obras da literatura mundial e nacional, conhecedor de várias línguas e já tendo uma série de publicações em jornais.

A importância de se estudar a infância de Gilberto Freyre é destacada por ele mesmo em uma entrevista dada a revista Santista. Nela, o autor comentou que todos os adultos guardam em si um pouco do menino que foram durante a infância, tomando a si próprio como exemplo, já que, por não saber escrever até os oito anos, ele desenvolveu gosto pelas pinturas e mesmo após a alfabetização ele não abandonou os desenhos. Freyre ainda disse que sempre procurou encontrar o seu menino interior durante os 20, 40, 50 e, finalmente, aos 83 anos de idade, quando foi dada a entrevista.

O escritor ressaltaria sua infância em um livro que pretendia escrever, denominado “Em Busca do Menino Perdido”, mas que não foi concluído. Sua infância marcou profundamente suas obras, pois o autor afirma que foi nele que teve seus primeiros contatos com as diversas culturas formadoras do Brasil, a portuguesa, por parte de sua mãe e a africana, citando como exemplo uma antiga escrava, chamada Felicidade, que lhe contava muitas histórias de engenho. Inclusive a exaltação do tempo escravocrata pode ser explicada por uma passagem de uma entrevista de Freyre:

O que digo é que tenho memórias de escravos que, ao meu ver, foram felizes na escravidão. Felicidade é um deles. Sei que houve também vários que não foram felizes, mas há os que foram. Ela me contava histórias que me influenciaram muito a meninice. Outra foi uma negrinha um pouco mais velha do que eu, chamada Isabel, que me contava histórias maravilhosas.- (Gilberto Freyre em entrevista a Santista, 1983.)

Um fato interessante na vida de Freyre é o de que sua infância é lembrada sempre com nostalgia e saudades, também foi constante em suas obras referências ao escritor francês Marcel Proust, autor da obra *Em Busca do Tempo Perdido*, que inclusive serviu como referência para a obra não escrita de Freyre, “Em Busca do Menino Perdido”.

Proust também exalta sua infância no livro, obra auto biográfica, mais tarde, nas descrições de Freyre, pode-se até notar certas semelhanças na infância dos dois intelectuais,

ambas marcadas pelo precoce desenvolvimento intelectual e pelos cuidados excessivos de seus familiares, que os consideravam frágeis.

## **2. Formação Acadêmica**

Gilberto Freyre dá ao período de sua vida em que vai estudar no exterior, o título de “Tempo de Aprendiz”. Foi nesse período que Gilberto construiu sua base acadêmica e no qual surgiram os primeiros esboços das idéias e pensamentos que o tornariam tão famoso. No início de 1918, Freyre parte para os Estados Unidos, fixando-se em Waco (Texas), onde se matricula na Universidade de Baylor.

Sua experiência universitária foi muito abrangente tendo estudado durante seu período na faculdade Geologia, Biologia, Economia, Sociologia, Psicologia e Literatura. Conhece através de seu então professor de Literatura, A.J. Armstrong, o poeta irlandês William Butler Yates, os "poetas novos" dos Estados Unidos: Vachel Lindsay, Amy Lowell<sup>1</sup> e outros. Armstrong torna-se um grande admirador do trabalho de Freyre, e fica tão impressionado com os primeiros textos escritos por Freyre em inglês que ele propôs que o pernambucano se naturalizasse norte-americano, para se beneficiar de uma cobiçada bolsa de estudos em Oxford. Gilberto Freyre recusou o convite, tendo escrito em seu diário que se haveria de ser escritor seria em português, sua língua materna com a qual se sentia misticamente ligado. Escreveu em seu diário, publicado muitos anos depois com o título *Tempo morto e outros tempos* antecipando seu destino de ensaísta:

Hei de criar um estilo, e dentro desse estilo desde que me repugna inventar, como nas novelas e nos dramas, que escreverei? Talvez a continuação dos meus primeiros esforços de ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo ("l'histoire intime... roman vrai, como dizem os Goncourt) até esse passado tornar-se carne. Vida. Superação de tempo.

Concluído o curso de bacharelado em Artes em Baylor, Gilberto Freyre seguiu para Nova York, matriculando-se em várias disciplinas da Faculdade de Ciências Políticas. Ali teve como professores o antropólogo Franz Boas, o ensaísta Carl van Doren, o internacionalista John Basset





Moore, o sociólogo Frank Henry Giddings, o filósofo John Dewey, o historiador Clarence Haring, o historiador social Sir Alfred Zimmern, o economista Seligman.

Os dois maiores mestres de Gilberto Freyre foram: o historiador Manuel de Oliveira Lima e o antropólogo Franz Boas, com quem Gilberto Freyre aprendeu a distinção entre raça e cultura, distinção na qual se baseia todo o plano de Casa-Grande & Senzala.

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também na diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família. (Freyre, em prefácio à primeira edição de Casa-Grande & Senzala)

Ainda em 1922, Gilberto Freyre concluiu o seu mestrado em Nova York, obtendo o título de Mestre em Artes, e partiu para a Europa. Passa por Paris, Berlim, Munique, Nuremberg, Londres e Oxford. As cidades que mais o encantaram foram Paris e Oxford. Em Paris, pelos contatos com grupos de vanguarda literária e artística. Em Oxford, pelo ambiente de estudo desinteressado em diplomas e pela tradição hispânica de Luis Vives, atualizada no Oxford Spanish Club. Durante seu périplo europeu convive com artistas modernistas brasileiros como Tarsila do Amaral e Brecheret, e tem um retrato seu pintado por Vicente do Rego Monteiro.

Antes de regressar ao Brasil, Gilberto Freyre vai conhecer Portugal. Em seu diário ele anotou, com orgulho, que conviveu tanto com gente da revista Seara Nova quanto com os monarquistas do Correio da Manhã, jornal do qual se tornou colaborador.

Em Portugal encerra-se sua viagem pelos Estados Unidos e pela Europa. Após cinco anos de ausência, volta ele à terra natal, no final do ano de 1923. Mas não volta desenraizado, como sucede a muitos, pois durante todo o período no qual esteve no exterior voltou seus estudos para problemas brasileiros. Escreveu Freyre no Prefácio da primeira edição de Casa Grande & Senzala: "Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração, de nossa maneira de resolver questões seculares".





### **3. Regresso ao Brasil**

Depois de cinco anos longe do Brasil, Freyre volta ao Recife, com então 22 anos. Seu retorno coincidiu com a revolução provocada pela Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo e, de pronto, ele se declara um tradicionalista e regionalista. A cidade de Recife não apresentava mais os arcos adornados de sua infância, o que lhe causou extremo dissabor. Tomado por essa causa, Freyre montou um Centro em que pudessem ser defendidas as causas regionalistas. O Centro Regionalista do Nordeste reunia uma equipe pluridisciplinar de advogados, médicos, engenheiros e jornalistas interessados na defesa dos valores regionais ameaçados pelo furor "modernista". Nesse âmbito, ele cria o 1º Congresso Regionalista do Recife onde através de um manifesto ele apregoa a rigorosa preservação do perfil cultural das diversas regiões do país.

Dentro as inúmeras personalidades que conheceu quando voltou ao Brasil, talvez a mais marcante tenha sido do poeta nordestino José Lins do Rego, considerado um dos grandes nomes da literatura regionalista, que se tornou um grande amigo para Freyre, foi Rego que incitou Gilberto a escrever romances em vez de artigos políticos.

Já em 1926 faz sua 1ª viagem ao Rio de Janeiro onde teve a oportunidade de conhecer Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, Heitor Villa Lobos, Sergio Buarque de Holanda, que se tornam seus amigos. É nesse ano também que Freyre conhece Salvador, na Bahia cidade que encerra todo o multiculturalismo de que Freyre era expoente e defensor.

Convidado por Estácio de Albuquerque Coimbra, governador eleito de Pernambuco, Freyre torna-se então secretário particular de seu amigo, acumulando dupla função, pois já ocupava a direção do Jornal *A Província*. Quando se dá a Revolução de 30, Coimbra perdeu o cargo e se exila em Portugal, levando consigo Freyre, que era uma espécie de orientador intelectual do governador Estácio Coimbra e que, portanto, era considerado partidário a ele.

#### 4. Década de 40

O casamento de Gilberto Freyre com a paraibana Maria Magdalena Guedes Pereira em 1941, foi, do ponto de vista social, o fato mais importante na vida do autor nesta década. Os dois que haviam se conhecido no Rio de Janeiro nesse mesmo ano, se casaram no Mosteiro de São Bento e depois foram residir em uma velha casa recém adquirida por Freyre.

Mesmo casado Freyre continuou com suas muitas viagens e conferências. Nos anos 40 elas se intensificaram ainda mais indo desde viagens curtas como a Porto Alegre e ao Rio de Janeiro, a longas como a Paris e Washington. Também foram anos de muitas e variadas publicações.



Gilberto Freyre em Recife - PE - Brasil, 1945. Fotografado por Benício W. Dias.  
Copyright Fundação Gilberto Freyre.



A importância da década de 40 para Gilberto Freyre vai além de suas obras. Foi nessa época que Freyre começou a se enveredar de maneira mais concreta para o ramo da política. Segundo biografia disponibilizada pela Fundação Gilberto Freyre, em 1942, ao denunciar publicamente em artigo no *Diário de Pernambuco* atividades racistas e pró-nazistas praticadas no Brasil por um padre beneditino alemão, foi preso juntamente com seu pai. À época da 2ª Guerra Mundial, em que o Brasil ainda não havia assumido uma posição, Gilberto Freyre acabou sendo reprimido duramente na prisão.

Em 1945 agiu ativamente, ao lado dos estudantes pernambucanos defendendo a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República. Através de artigos e comícios se manifestou claramente contrário a ditadura imposta por Getúlio Vargas: o Estado Novo.

No dia 03 de março de 1945, no primeiro comício pela campanha do Brigadeiro Eduardo Gomes, enquanto discursava na sacada da redação do Diário de Pernambuco foi assassinado a tiros ao seu lado, pela Polícia Civil do Estado, o estudante Demócrito de Souza Filho. Diante dos fatos, a polícia proibiu que fosse noticiado o assassinato (que ainda teve a morte de outro popular) impedindo a circulação do Diário de Pernambuco. Como forma de homenagem e também de crítica inaugura-se na redação do Diário uma foto de Demócrito. Na ocasião Freyre faz um discurso que mais tarde é publicado sob o título de “Quiseram matar o dia seguinte” (cf. Diário de Pernambuco, 10 de abril de 1945). Pela publicação desse discurso, foi indiciado ao Tribunal de Segurança Nacional.

É interessante ressaltar que apesar de postura ativa contrária a ditadura de Vargas, Gilberto Freyre mais tarde se mostra simpático à ditadura do Estado Novo, implantada por Salazar em Portugal. Salazar inclusive utilizou as idéias presentes em *Casa-Grande & Senzala* como forma de justificativa para impedir a independência das colônias africanas.

Em 1946, Gilberto Freyre foi eleito deputado federal pela UDN. E foi como deputado que ele, em 1947, proferiu discurso sobre o centenário do nascimento de Joaquim Nabuco e no ano seguinte defendeu a criação de um instituto que possibilitasse assim que fosse feito algo de concreto em homenagem ao defensor da causa abolicionista. O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (hoje Fundação Joaquim Nabuco) criado no Recife em 1949 tinha o intuito

fazer um estudo antropológico da sociedade nordestina e sua mescla de traços patriarcais, industriais e rurais.

### **5. Década de 60**

Em 1961, Gilberto Freyre recebe o escritor norte-americano Arthur Schlesinger Júnior, enviado pelo então presidente John F. Kennedy. Nesse mesmo ano, lê quatro conferências sobre “Sociologia Rural” no Instituto Joaquim Nabuco.

Inaugura-se em 1963, uma exposição sobre Casa-Grande e Senzala no Teatro Santa Isabel do Recife. Já em 1964, recusa convite feito pelo presidente Castelo Branco para se tornar Ministro de Educação e Cultura. Em 1967 participa de solenidade em comemoração ao lançamento da primeira edição popular de *Casa-Grande e Senzala*. Em 1969, recebe prêmio internacional de literatura por sua contribuição para o estudo das relações sociais.

### **6. Década de 70**

Obstante o fato de estar completando 70 anos de idade, Gilberto Freyre permaneceu produzindo intensamente. Em 1971, foi orador oficial em solenidade para inauguração do Parque Nacional dos Guararapes, no Recife. Recebeu também o título de Sir. da Rainha Elizabeth. Em 1973 recebeu prêmios pela sua obra literária e também pelas suas pinturas. Nesse mesmo ano, além de publicar *Além do apenas moderno*, expôs telas de sua autoria na Galeria Portal de São Paulo. Em 13 de dezembro foi operado pelo prof. Euríclides de Jesus Zerbini, no Hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo.

No ano de 1974 vendeu 40 obras em sua primeira exposição de pintura em São Paulo. Nos anos seguintes proferiu diversos discursos em conferências realizadas em diversos países.

A 15 de março de 1974, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais comemora com exposição e sessão solene, os 40 anos da publicação de *Casa-grande & Senzala*.



Viajou à Europa em setembro de 1976, fazendo conferências em Madri (Instituto de Cultura Hispânica) e em Londres (Conselho Britânico), e visitando também Paris, Viena e Lisboa. Iniciou em outubro de 1977 uma colaboração semanal na Folha de São Paulo.

## 7. Década de 80

Em 11 de março de 1987, poucos meses antes de falecer, Gilberto Freyre abriu sua casa, na Vivenda Santo Antônio de Apipucos, e instituiu a *Fundação Gilberto Freyre*. A intenção de Freyre era permitir que seu patrimônio, bens e acervo, não se separassem e perdessem, além de criar um ambiente que propiciasse a continuidade dos estudos sobre a realidade social brasileira, iniciados por ele.

A Fundação é composta pela “Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre”; pelo “Sítio



Fachada da antiga casa de Gilberto Freyre, hoje “Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre” Recife-PE. Sem data. Copyright Fundação Gilberto Freyre.

“Ecológico”, formado pelos antigos quintais dos arredores da casa; por um “Espaço Cultural”, construído posteriormente e que abriga auditório, salas de aula e espaço para exposições. Abrigou ainda um Núcleo de Estudos Freyrianos, formado através de convênio entre várias universidades, com o objetivo de estudar as obras de Gilberto Freyre e o seu alcance ainda hoje, no Brasil e no



mundo; e o Instituto de Tropicologia, que propõe seminários que visam contribuir para uma maior compreensão do homem e da sociedade brasileira situado nos Trópicos.

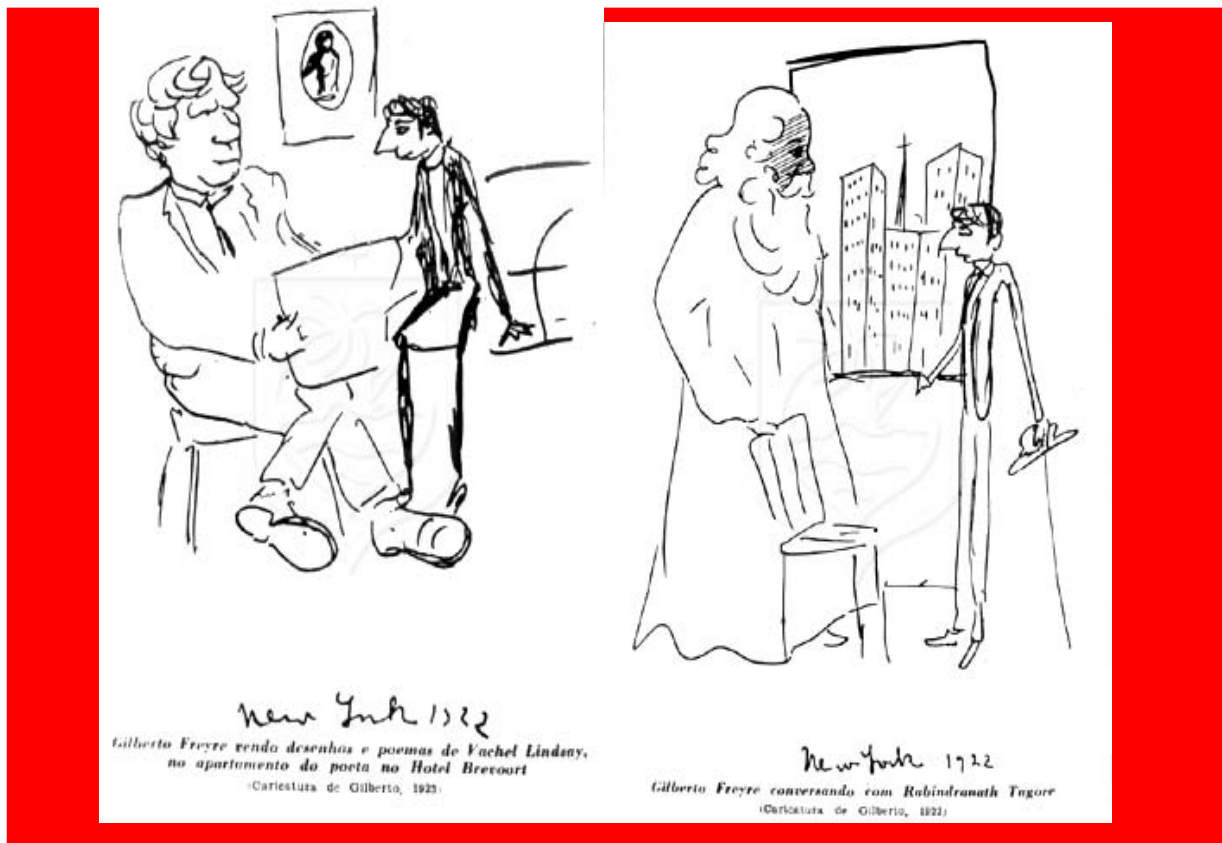
A falta de comprometimento dos governos em colaborar e a falta de interesse da população são os principais fatores para que não se dê destaque ao conhecimento produzido e às oportunidades proporcionadas por um ambiente como o da Fundação, é isso que fala Madalena Freyre, esposa de Gilberto Freyre, em entrevista de 1993 ao Jornal do Commercio, de Recife.

Para celebrar os 20 anos da morte de Freyre, foi aberta no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, exposição em torno de sua vida e obra. Parte do acervo da Casa-Museu, com objetos pessoais do antropólogo está em exibição como desejado pelo próprio Gilberto Freyre, em seu *Manifesto Regionalista*: "Querer museus com panelas de barro, facas de ponta, cachimbo de matutos, sandálias de sertanejos, miniaturas de almajarras, figuras de cerâmica, bonecas de pano, carros-de-boi, e não apenas com relíquias de heróis de guerras e mártires de revoluções gloriosas (...)".

## 8. Obra

Sem contar o que Freyre produziu durante a infância e adolescência, principalmente colaborações em jornais, sua produção literária começou, de fato, quando inicia seus estudos na *Baylor University*. Já em 1918, pouco após chegar aos Estados Unidos Freyre iniciou sua colaboração no Diário de Pernambuco, com uma série de cartas intituladas "Da outra América". Esses artigos mostram que o, ainda aluno, Gilberto Freyre via o "modo de vida americano" com olhos críticos e transmitia a seus conterrâneos uma visão realista dos Estados Unidos. Escreveu os primeiros artigos em inglês publicados por um jornal de Waco em 1919, e na Universidade de Baylor, auxiliou o geólogo John Casper Branner no preparo do texto português da "Geologia do Brasil". Começa a divulgar também suas primeiras caricaturas.





Gilberto Freyre, 1922. Imagens Retiradas da Biblioteca Virtual Gilberto Freyre (BVGF)

Em 1920 escreveu, em inglês, um estudo sobre Amy Lowell. Como estudante de Sociologia, fez pesquisas sobre a vida dos negros de Waco e dos mexicanos marginais do Texas.

Em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre pela Columbia University, Gilberto Freyre apresentou à Faculdade de Ciências Políticas - nome que então abrangia as ciências sociais - uma dissertação intitulada *Social Life in Brazil in the middle of the 19<sup>th</sup> century*. A dissertação, datilografada, encontra-se na Butler Library, a biblioteca central de Columbia. Um detalhe que mostra o reconhecimento pelo valor da obra de Freyre desde o início é que a maior parte das dissertações de mestrado e teses de doutorado é depositada em forma de microfilme na “University Microfilms of Michigan” e ali são esquecidas, sem jamais serem impressas. Com a dissertação de Gilberto Freyre aconteceu o contrário: ela foi logo publicada pela conceituada “Hispanic American Historical Review”. Em 1964, o médico e antropólogo





pernambucano Waldemar Valente traduziu-a e publicou-a com o título *Vida Social no Brasil em meados do século XIX*.

De volta ao país, Freyre trouxe em sua bagagem sua tese de graduação, que é o embrião do célebre livro do autor *Casa Grande & Senzala*.

Desde cedo, aos 17 anos, Freyre já publicava regularmente artigos, tanto em jornais estudantis quanto em jornais comerciais, mas foi na década de 20 que ele se tornou reconhecidamente um jornalista, devido suas contribuições para a grande imprensa. Assim, quando volta ao Recife, na década de 20, passa a integrar o Diário de Pernambuco, assumindo posteriormente o cargo de diretor de *A Província*, onde lançou o primeiro manual de redação brasileiro. Este é, para muitos, o primeiro manual de redação jornalística do Brasil, e é o resultado das observações das práticas jornalísticas norte-americanas, que primavam pela clareza e precisão das informações. As regras propostas por Freyre eram bastante simples, mas já configuravam uma maneira de posicionar e orientar o jornalista em sua prática, o que pode ser constatado no livro *Tempo Morto e Outros Tempos*, em segunda edição, editado pela Fundação Gilberto Freyre, em 2006:

Todo meu empenho é fazer d´A Província um jornal diferente dos outros e fiel à sua condição de jornal da província. Autêntico. Honesto. [...] Um dos meus empenhos é dar ao noticiário e às reportagens um novo sabor, um novo estilo: muita simplicidade de palavra, muita exatidão, algum pitoresco. Isto é que é importante num jornal. E nada de bizantinismo. Nada de dizer `progenitor´ em vez de pai e nem `genitora´ em vez de mãe. Já preguei no placard um papel em que se proíbe que se empreguem no noticiário não só palavras pedantes em vez das genuínas, como `estimável´, `abastado´, `onomástico´, `deflui´, `transflui´, etc. (Freyre, 2006)

Outra característica de fundamental importância é que Freyre já vislumbrava o fato de que jornalismo se faz em campo, ou seja, na rua, e não dentro de um gabinete, por telefone. Essa mesma característica pode ser relatada em suas obras literárias, uma vez que ela fazia uso de entrevistas com os personagens daquilo que ele se propunha a pesquisar. Para ele não bastava buscar os fatos e a relação entre eles, mas ir às suas causas, que poderiam depender de questões subjetivas.



Os procedimentos que Freyre utilizava eram os mais variados, e tinham o objetivo de aproximar intimamente das pessoas. Assim, o jornalismo praticado por Freyre resultava assim, em um jornalismo flexível e marcado pelo pluralismo.

Apesar de todo esforço em se fazer entender, Freyre era constantemente criticado por seus colegas. Sua figura era inaceitável para os conservadores e burgueses, para os literatos acadêmicos e para os políticos da época, pois Freyre apresentava não só hábitos anticonvencionais de vida que escandalizavam os homens pacatos de Recife, como também idéias, estilo e linguagem bastante discrepantes para a época. Houve uma verdadeira rejeição ao que ele representava.

Em 1940, publica-se *Um engenheiro francês no Brasil*, obra que trata da vinda do engenheiro francês Vauthier (da Politécnica de Paris) ao Brasil e como sua presença foi marcante, a ponto de merecer um livro, devido as suas ações desenvolvimentistas, quase que utópicas. Nesse mesmo ano, Freyre lança também *O mundo que o português criou* abordando aspectos relativos às relações sociais e culturais travadas entre Brasil, Portugal e demais colônias portuguesas. São publicadas obras inéditas de Freyre quase que anualmente na década de 40, depois das já citadas publicam-se: *Região e tradição* (1941), *Ingleses* (1942), *Problemas brasileiros de Antropologia* (1943), *Perfil de Euclides e outros perfis* (1944), *Brazil na interpretation* (1945), *Sociologia: Introdução ao estudo dos seus princípios* (1945) e *Ingleses no Brasil* (1948).

Em 1950, ainda como deputado, Gilberto Freyre proferiu diversos discursos na Câmara dos Deputados que posteriormente formarão o livro *Quase Política*. Nesse mesmo ano ele lançou o livro. Em 1953, publica *Aventura e Rotina* e *Um Brasileiro em terras portuguesas*.

O fato mais importante da década de 50 foi, entretanto, a publicação de *Ordem e Progresso*.

Gilberto Freyre fazia os seus estudos e suas pesquisas em torno do passado que para ele era o melhor meio de compreender o presente e antever o futuro. Em 1973, publicou *Além do apenas moderno*, com "sugestões em torno de possíveis futuros do homem em geral e do homem brasileiro em particular". Tornava-se, assim, pioneiro do conceito de pós-modernidade, posteriormente consagrado por pensadores como Lyotard e outros.

No capítulo “*Pós-modernidade, Globalização e Educação*”, Lyotard considerou a chegada da pós-modernidade ligada ao surgimento de uma sociedade pós-industrial, na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica da produção, tratando a pós-modernidade como uma mudança geral na condição humana.

Em *Além do apenas moderno*, o autor não pretendia em suas páginas abordar assunto de todo novo para o Brasil. Considerou então, aspectos de alguns dos estudos da época, que se relacionavam, com o futuro, quer do homem, quer do mundo em que o homem vive. Tais estudos são denominados, por uns, prospectivos, por outros, futurológicos.

Dez anos depois, voltou ao assunto com o livro *Insurgências e Ressurgências Atuais*, no qual debate “cruzamento de sins e não num mundo em transição”.

Além de sua contribuição na pesquisa da sociedade brasileira e de sua cultura, Gilberto Freyre ainda contribuiu como escritor, com livros ficcionais, poesias e críticas literárias. No que se refere à poesia, ele começou muito cedo, sendo que um dos seus primeiros poemas é um soneto que escreveu aos 11 anos de idade. Neste soneto chamado *Jangada Triste*, pode-se encontrar influências de Camões e de José de Alencar.

Em 1925 — muito antes de lançar livros como *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936) — Gilberto Freyre escreveu um longo poema inspirado por sua primeira visita à Cidade de Salvador: *Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados*, que foi impresso no mesmo ano em uma edição bem reduzida da recifense Revista do Norte. Este poema faz parte também do livro por ele lançado em 1962, *Talvez Poesia*, que além deste contém outras obras do autor.

Paisagens, velhas cidades brasileiras, velhos monumentos, velhas casas, velhas histórias, sobretudo de Pernambuco, eram os temas que mais habitualmente moviam a sensibilidade poética de Gilberto Freyre, podendo estar associadas a motivos sociais e até políticos.

No que se refere à área ficcional, Freyre escreveu dois livros. Neles havia sempre presente um conflito, entre o científico e o romance. Para alguns autores, como John Wain, ele não sabia escrever ficção, já que em seus livros o histórico a todo momento se fundia com a estória em questão. Mas para outros, como Guimarães Rosa, ele era considerado o criador de um novo estilo, a seminovela.



Contemporâneos

REVISTA DE ARTES E HUMANIDADES, N.3, NOV-ABR 2009

Sua primeira seminovela foi *Dona Sinhá e o filho padre*, publicada em 1964. Esta apresentava soluções inovadoras da estrutura básica da novela enquanto gênero literário. Pode ser considerado dessa forma, que pela primeira vez em uma novela brasileira, ocorreu a necessária convivência entre o psicológico, o social, o cultural, o histórico, o científico, sem que nenhum deles, excluísse os demais. E tratava, tanto literariamente como cientificamente do principal assunto do livro: o homossexualismo masculino.

Já a seminovela *O outro amor de Dr. Paulo*, publicada em 1977, é uma continuação do romance anterior, com os mesmos personagens, porém em épocas diferentes. E esta tinha as mesmas características da anterior, em que havia um misto de história e romance.

Além de ser escritor, Gilberto também exerceu, ainda que de modo menos constante, as atividades de crítico de arte e pintor. Ele se dedicou à pintura quando já estava mais velho. Mas desde pequeno se expressava através da pintura e dos desenhos, já que não gostava de escrever e nem da leitura. Ao lado da poesia, a pintura se tornou um dos valores mais marcantes do seu estilo literário.

Há sugestões de paisagens européias em alguns dos seus quadros, mas os seus temas preferidos dizem respeito aos valores mais simbólicos da vida cultural nordestina, sobretudo de Pernambuco. É um pintor essencialmente brasileiro e tropical, tanto nos mistos de cores



Pintura intitulada **Casa Grande**, de autoria de Gilberto Freyre. Reprodução fotográfica. Copyright da Fundação Gilberto Freyre. Sem data.







Pintura intitulada **Alto da misericórdia**, de autoria de Gilberto Freyre. Reprodução fotográfica. Copyright da Fundação Gilberto Freyre. Sem data.



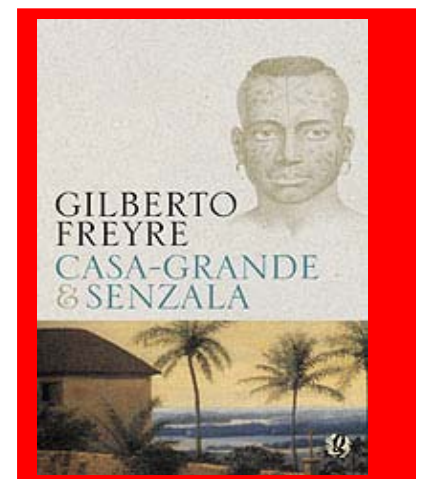
Contemporâneos

REVISTA DE ARTES E HUMANIDADES, N.3, NOV-ABR 2009



Pintura intitulada **Sobrado Amarelo**, de autoria de Gilberto Freyre. Reprodução fotográfica. Copyright da Fundação Gilberto Freyre. Sem data.

## 9. Casa Grande & Senzala



Capa da 51ª edição de Casa Grande e Senzala. Imagem de divulgação. Copyright da Editora Global. 2003

## 10. A Formação da Sociedade Patriarcal Brasileira



WWW.REVISTACONTEMPORANEOS.COM.BR



*Casa Grande & Senzala* pode ser considerada a obra máxima de Gilberto Freyre, traduzida para diversas línguas, este livro mostra a visão de Freyre para a constituição do Brasil Colonial e a influência das diversas culturas na formação da sociedade brasileira.

Embora tenha recebido muitas críticas, os registros de Freyre para *Casa Grande & Senzala* ultrapassam gerações e quebram conceitos que vigoravam durante a década de 30, tornando-se uma obra única para a época. Ainda que hoje seus valores pareçam retrógrados, deve-se levar em conta que Freyre utilizou-se de sua visão de menino criado em engenho, de homem estudioso e também curioso, já que muitos dos documentos utilizados para embasar seus livros são retirados de casas de família e registros pessoais.

A principal herança positiva de *Casa Grande & Senzala* está na valorização dos indígenas e dos negros, antes considerados atrasados diante do europeu, e também no relato das heranças deixadas por todos os formadores da sociedade brasileira. Para que as idéias tornem-se mais claras é necessária uma divisão para a explanação dos assuntos tratados em *Casa Grande & Senzala*, bem como das críticas recebidas pelo livro.

### **11. O português e suas origens**

Primeiramente devemos levar em conta àquele que foi considerado o colonizador do Brasil, o povo português. Para melhor compreendê-lo Freyre passou uma visão geral de Portugal, um país situado entre a África e o Norte-Europeu, recebendo assim tanto o calor dos trópicos quanto a tradicional moral européia.

O português, segundo Gilberto Freyre, tornou-se, devido suas várias influências, um povo diverso dos outros habitantes da Europa, principalmente pela influência moura e africana, que fez dele mais propenso à mestiçagem. Além disso, a população escassa de Portugal fazia com que o país precisa-se de outros métodos para o povoamento de suas colônias.

Assim, segundo Freyre, quando chegaram em território brasileiro, já prontos (excetua-se as primeiras investidas portuguesas que eram voltadas apenas para a exploração) para a colonização, os portugueses, em sua grande maioria homens, encontraram índias nuas que serviram bem para seus fins de colonização, sua moral, já “mestiça”, não criou empecilhos para essa união. O homem europeu trouxe de seu país natal a religião católica, o gosto pelo luxo, a



vontade de enriquecer e também uma série de doenças, como a sífilis, muito comentada por Freyre, pois este diz que o português iniciou no Brasil, antes do que um processo de civilização, um de “sifilização”.

O modo de exploração encontrado pelo português também é importante, já que foi devido a este método que o negro foi trazido para o continente americano. A monocultura açucareira criou uma sociedade altamente hierarquizada em que o Senhor de Engenho ocupava o posto principal, atrás dele toda uma população livre vivia pior que a última classe, os escravos, pois estes ao menos tinham o que comer, enquanto aqueles viviam a míngua pois a sua alimentação não era de interesse de ninguém.

Ao lado deste Senhor de Engenho encontrava-se sua mulher, aliás, suas tantas mulheres, já que era costume que esses homens tivessem diversas mulheres no decorrer de suas vidas, pois as mulheres, casadas ainda crianças, possuíam uma vida muito curta devido às gestações consecutivas. Evento bastante natural na época, porque as mulheres eram vistas como parideiras, ou seja, deviam contribuir para o aumento populacional da colônia.

Mas foi a religião católica o grande mecanismo atuante durante o período colonial, pois arrebanhou para si o povo indígena, primeiramente através da catequese aberta e depois em missões jesuíticas. Foram inclusive os jesuítas portugueses os responsáveis pela morte de muitos índios, pois inseriram na vida destes hábitos impróprios para esse povo.

No entanto, os portugueses não só trouxeram seus costumes da sua terra natal, mas também receberam costumes dos nativos que aqui viviam e, mais tarde, dos negros trazidos para o trabalho escravo na lavoura açucareira.

## 12. O índio

A primeira influência recebida pelo português ao pisar em solo brasileiro foi a do indígena. Foram, segundo Freyre, os índios quem ensinaram aos portugueses seus hábitos de higiene pessoal, introduziram alimentos nutritivos, como a mandioca, no cardápio português, ensinaram o poder de certas ervas, dentre outras coisas. A introdução dos alimentos indígenas na mesa brasileira foi de fundamental importância visto que a dieta portuguesa era insuficiente.



Segundo o autor, quem mais transmitiu esses valores foi a mulher indígena, pois o homem índio possuía a vocação para o nomadismo, enquanto a mulher fixava-se em um só local com maior facilidade, o que poderia facilitar com que se amancebasse com portugueses e passasse para estes europeus um pouco da sua cultura. Mas os hábitos dos homens também foram utilizados pelos portugueses, o gosto pela guerra serviu a muitos senhores de engenho como uma forma de proteção para suas fazendas.

Os índios também foram os escolhidos pelos jesuítas para a cristianização, já que naquela época a maior falta de alguém, perante os olhos portugueses, era a de não professar a religião católica. Assim, o índio foi visto como atrasado e aos portugueses caberiam a missão de doutriná-los segundo a fé cristã.

Esse processo de cristianização acabou por dizimar grande parte da população indígena através de doenças, até mesmo a obrigação de usar roupas gerava alergias que levavam muitos índios a morte. Além disso, o nível de mortalidade infantil cresceu absurdamente e, para justificar tal falta os jesuítas diziam, segundo Freyre, que quando se morria uma criança era um anjo que ia para perto de Deus. Assim, os índios começaram a considerar uma benção a morte de uma criança.

Mas, enfatizou Freyre, a mistura da fé portuguesa com a cultura indígena trouxe benefícios para a cultura brasileira, principalmente no que tange a adaptação da religião católica para o povo brasileiro, pois o recatado catolicismo português tomou ares mais alegres para seduzir os índios. Músicas e festas foram incorporadas às cerimônias religiosas, sendo que era através da música que os jesuítas conseguiram grande quantidade de fiéis.

### **13. O negro e o escravo**

A terceira grande “raça” cultura formadora do povo brasileiro foi a negra. Trazidos para o Brasil a força, os negros foram utilizados como escravos nas monoculturas de açúcar, colocados em uma posição inferior aos demais. Um dos principais destaques da obra de Freyre no que tange o negro foi a separação feita entre negro e escravo, pois as teorias eugênicas que dominavam na época, marcada pelo cientificismo e darwinismo social, colocavam o negro como uma raça menor,

incapaz de alcançar o desenvolvimento. No entanto, Freyre coloca que o negro teve seus costumes deturpados pela condição de escravo que os obrigava a viver em condições deploráveis.

Assim, o negro é traçado como forte, propenso ao clima dos trópicos (apesar de não se valer totalmente das teorias deterministas, Freyre ainda faz uso de argumentos ligados ao clima e a terra). Quando o negro chegou foi forçado a sexualização e a marginalidade, sendo usado como objeto para satisfazer os prazeres de senhores de engenho. A partir disso, Gilberto Freyre trata o negro brasileiro não como um inferior, mas sim inferiorizado.

Os relacionamentos mantidos entre brancos e negros incrementaram ainda mais a culinária brasileira, fez com que danças e rituais tipicamente africanos se incorporassem aos rituais religiosos portugueses, além de contribuir para o abrandamento da língua portuguesa européia, que adquiriu a leveza do falar da influência africana, adotado com diminutivos e palavras mais suaves.

Uma das principais críticas à Casa Grande & Senzala está justamente na forma como Freyre delimita as relações entre escravos e senhores de engenho, colocando-as de uma forma menos agressiva do que os demais autores, como exemplo tem-se os raros momentos em que Gilberto Freyre cita as humilhações as quais os negros eram submetidos, aos castigos e torturas. Apenas dois momentos são mais destacados nessas torturas, um revelando o sadismo da mulher na sociedade patriarcal, com relação as suas serviçais escravas, e outra colocando as brincadeiras das crianças que se divertiam em maltratar negrinhos que eram lhes dados como espécies de “brinquedos”.

Em uma outra passagem Freyre coloca a situação do negro quando este, sofrendo de banzo, passava a comer terra até morrer. Para que esses negros não morressem, os senhores de engenho os mantinham erguidos no teto e sendo alimentados pelos capatazes. O relato é todo feito como se isto fosse uma forma de proteger o negro, no entanto, aos olhos dos críticos era mais um castigo do que uma proteção, pois o senhor de engenho estaria exclusivamente interessado em proteger o seu capital.

Apesar disso, no geral, a obra valoriza ao máximo o africano e sua contribuição para a miscigenação. Assim, defende a idéia do negro como civilizador, colocando a incorporação dos costumes africanos pelo branco. Como fruto destas misturas, tem-se o mulato, que é considerado

por Freyre como o expoente máximo do povo brasileiro, o que chega a suscitar o questionamento de que a afirmação freyriana da superioridade do mulato também não seria um posicionamento eugênico.

#### 14. Sobrados & Mucambos



Capa da 15ª edição de  
Sobrados e Mucambos.  
Imagem de divulgação.  
Copyright da Editora Global.  
2003

O livro, publicado em 1936, é a continuação cronológica de *Casa Grande & Senzala*. Gilberto Freyre manteve a mesma metodologia utilizada na pesquisa do primeiro livro (jornais, documentos e livros da época) para escrever *Sobrados e Mucambos*. Além disso, manteve também, a linguagem não acadêmica, responsável por severas críticas à obra anterior.

Segundo Roberto DaMatta, antropólogo que fez a apresentação de uma das mais recentes edições do livro, a maior contribuição dessa obra seria a demonstração de que o sistema tão formalmente dividido entre senhor de engenho e escravo poderia ser melhor compreendido a partir da análise dos padrões de comportamento da vida privada, principalmente, no ambiente casa.

Foi utilizando esse parâmetro que Freyre desenvolveu, ao longo do livro, uma reconstrução sobre a decadência do patriarcal rural e a ascensão gradativa das cidades brasileiras.



O autor também usou da relação antagônica entre rua e casa para exemplificar as diferenças existentes entre as classes sociais; caracterizando as mulheres dos “sobrados” como as que permaneciam em casa, enquanto as negras e mulatas, as que andavam despreocupadamente pelas ruas.

Durante a ascensão das cidades, as moradias da época também refletiam a transição pela qual o país passava, é sobre isso que o título da obra remete. No auge do patriarcalismo, as casas dos senhores de engenho, juntamente com as senzalas, eram o símbolo da economia brasileira. No entanto, com a decadência desse sistema, as casas do interior passaram a ser substituídas por sobrados nas grandes cidades e conseqüentemente, os mocambos, por serem as moradias dos mulatos e negros que viviam na cidade, ocuparam o lugar da senzala nesse novo contexto.

Havia naquele momento, segundo Freyre, um conflito de geração. Isso porque, os senhores de engenho mandavam seus filhos estudar em outro país, e esses, quando voltavam (na maioria das vezes advogados ou médicos) não queriam permanecer com a vida do interior que seus pais levavam. Assim, iam para as cidades, servir a favor da corte, essa que naquela época mantinha interesses contra os senhores de engenho, ou seja, contra suas próprias famílias.

O livro também retrata o fortalecimento de certos profissionais, que até aquele momento, não se destacavam na sociedade: os médicos e advogados. Em compensação, o poder informal que os padres exerciam diminuiu, afinal, a mulher de sobrado não mais revelava suas intimidades e dores a esses sacerdotes e sim, aos médicos e advogados. Essa atitude demonstra que a mudança de comportamento é um reflexo da transição que a sociedade enfrentava.

Além disso, mais uma vez, Gilberto Freyre expõe a ascensão do mulato, que de acordo com o autor, era personificação da miscigenação e o grande responsável pela a comunicação entre brancos e negros.

## 15. Ordem e Progresso



Capa da 6ª edição de *Ordem e Progresso*. Imagem de divulgação. Copyright da Editora Global, 2003.

Publicado em 1959, *Ordem e Progresso* seria segundo o próprio Gilberto Freyre o terceiro livro da série iniciada com *Casa-Grande e Senzala* e continuada com *Sobrados e Mocambos*.

O subtítulo de *Ordem e Progresso* - “Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre; aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república” – já introduz ao leitor a temática do livro.

Freyre afirmou que mesmo com a abolição e a com a proclamação da república aspectos do patriarcalismo agrário permaneceram na sociedade. O negro, apesar de livre permaneceu à margem da sociedade. Ele aponta duas formas de possível superação do patriarcado: a industrialização/urbanização e a vinda dos imigrantes. Nesse último ponto, entretanto, ele faz a ressalva de que os imigrantes somente trouxeram benefícios para a região sul, já que havia uma certa resistência por parte dos chefes políticos nordestinos devido ao medo de perderem seu eleitorado cativo.

*Ordem e Progresso* teve um caráter inovador: Freyre utilizou um método de pesquisa baseado em autobiografias. A partir de um questionário enviado a aproximadamente mil pessoas,

Freyre colheu informações significativas que permitiram uma melhor compreensão do período de transição Império/República. Tal método, no entanto foi objeto de intensas críticas de historiadores que não o consideravam como um método de análise válido.

Apesar de não ter conseguido tanta projeção quanto *Casa Grande & Senzala*, por exemplo, *Ordem e Progresso* teve fundamental importância para o conhecimento da sociedade do período de 1870 a 1920.

### **16. Crítica à obra**

Gilberto Freyre, ao longo de sua vida, gerou opiniões diversas e muitas vezes contrárias em relação à suas obras. Não faltaram críticas a seu modo de escrita, seus métodos de pesquisa, a abordagem de assuntos polêmicos para a época.

Os conservadores o acusavam de obsceno e pornográfico, e se horrorizaram com a idéia de igualdade racial exposta por Freyre em seus livros. A esquerda criticava as obras com base nas origens do escritor, que era de tradicional família pernambucana, além de se oporem as posições políticas manifestadas por Gilberto Freyre (como o apoio ao golpe militar de 1964). Darcy Ribeiro foi o primeiro intelectual de esquerda a reconhecer a importância de Freyre. Ele destacava o fato de Freyre recontar a história e analisar o passado do país através do ‘trivial’, dos pequenos fatos do dia-a-dia da colônia.

As críticas positivas muitas vezes se referem aos mesmos fatores das negativas. É o que acontece com a linguagem empregada por Freyre em seus livros. Com uma escrita acessível e clara, sem empregar um “cientificismo” desnecessário, a leitura de Gilberto Freyre se torna mais fácil que a maioria dos tratados antropológicos. Por causa disso foi ‘acusado’ de não fazer antropologia séria e acadêmica. Pelo mesmo motivo sua forma de escrever foi celebrada como inovadora e a ser seguida, já que uma linguagem simples é mais compreensível e atinge mais leitores.

Afonso Arinos, em discurso na Assembléia Nacional Constituinte dois dias após a morte de Freyre, expressa bem essa divisão no modo de ver a linguagem em Freyre, citando o exemplo de Casa-Grande e Senzala.



O livro (*Casa-Grande e Senzala*) tem aquele estilo desmanchado, às vezes malicioso, às vezes imprevisto, tocando pontos que eram considerados pouco razoáveis numa literatura científica, trouxe uma inovação formidável na forma, e conseguiu, então, trazer também para o século XX a maneira de pensar e maneira de dizer o pensamento científico.

Para Mello (MELLO, 2001), a originalidade e a importância de Gilberto Freyre reside nas análises do Brasil feitas de uma perspectiva privada, das casas-grandes e senzalas, dos sobrados e mucambos, para a partir dessa perspectiva tentar compreender os problemas públicos, que persistem até hoje. E o mérito maior está em transformar a miscigenação “de hipoteca em lucro”, sendo contrário as idéias vigentes no início do século XX de que a mistura racial era culpada pelo atraso econômico do país.

Esse parece ser, sem dúvida, o principal elogio feito à obra de Freyre. O fato de ele colocar o negro e o índio lado a lado com os portugueses, como grupos que trouxeram hábitos e costumes positivos para a formação da sociedade brasileira. Mas de acordo com Tuna (TUNA, 2003), alguns críticos dessa “teoria da mestiçagem” conseguem mostrar que é incorreto acreditar que a miscigenação atenuou as desigualdades sociais entre as ‘raças’, e que Freyre incorreu em erro ao idealizar essas relações no processo de constituição do país e ao elevar o brasileiro mestiço a uma condição de homem superior.

Rivas (RIVAS, 1999) lembra Gilberto Freyre como um estudioso com idéias à frente de seu tempo. Discutindo idéias relativas à ecologia e preservação ambiental, em seu livro *Nordeste*, de 1937, numa época em que esses assuntos ainda não causavam o impacto e não tinham a importância que têm hoje, ele demonstrava sua capacidade de perceber o Brasil. O mesmo acontece com análise de gêneros, da relação entre homens e mulheres, que Freyre faz em *Sobrados e Mucambos*.

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior é a tríade do pensamento formador brasileiro, e parece ser impossível não fazer comparações entre as obras de cada um. Com posições políticas díspares, pode-se notar que as obras do três, mesmo partindo de um mesmo princípio (a formação histórica do Brasil), refletem visões diferentes acerca do país.

Lançado três anos após *Casa-grande e Senzala*, o livro mais conhecido de Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*, tem pontos em comum com a obra de Freyre. Ambos vêem

características positivas na capacidade colonizadora do português e colocam o brasileiro como um povo afetivo e ligado às emoções acima da razão. Mas quanto às influências da formação do país no presente, os dois autores têm opiniões divergentes. Sérgio Buarque propõe uma ruptura com o passado colonial brasileiro, porque só assim o país atingirá um estágio de desenvolvimento satisfatório, tanto econômica quanto socialmente.

Caio Prado e Gilberto Freyre pertenciam a tradicionais famílias de classe alta. Mas afora isso, parecem não ter nada em comum. A linguagem utilizada (o estilo de Caio Prado é mais ‘pesado’, científico, em oposição ao jeito simples e romanceado de Freyre) e o ângulo pelo qual viam o país são exemplos disso. Caio Prado reconhecia a existência do preconceito racial na sociedade brasileira, mas deu importância bem maior à relação de classes sociais (refletindo sua orientação política marxista).

Gilberto Freyre e sua obra continuam gerando debates e trazendo a tona críticas diversas. Mas parece ser essa mesmo a intenção do autor, que declarou, já no fim de sua vida: “Sou um homem de matizes. Sou, antes de tudo, um homem dos paradoxos. Acho que quase todas as verdades têm paradoxos. Tenho a tendência a escandalizar os bem-pensantes. Os paradoxos chocam os bem-pensantes e chocam também os matemáticos que pensam em linha reta.”

### **17. Críticas à Casa Grande & Senzala**

Uma sociedade escravocrata composta por nobres senhores de engenhos e prestativos escravos submissos, está é a visão mais criticada da obra de Gilberto Freyre. Clóvis Moura (1988) afirma que esta foi uma tentativa de dar uma menor importância às desigualdades sociais do Brasil Colonial, ao lado de Moura, a linha de pensamento marxista também opõe bravamente à *Casa Grande & Senzala*, já que para tal conceito o conflito entre classes é a pauta maior, o que é ignorado na obra de Freyre.

O brasilianista Thomas Skidmore (apud Fonseca, 2007), assinala como falta maior do escritor pernambucano o fato de não concluir de forma científica a sua obra, dando apenas sugestões e rodeando um tema. No entanto, para defender o autor, o escritor Edson Nery da Fonseca coloca que não se pode esperar de um autor como Freyre qualquer conclusão pois sua

obra é toda calcada em cima dos paradoxos, sendo que Freyre tinha aversão as conclusões, pondo-se sempre com humildade diante dos fatos.

Mas se por um lado as críticas colocam-se contra Freyre, por outro são muitos aqueles que exaltam seu pensamento inovador, sua postura diante da miscigenação, menosprezada em sua época. Afirmam ainda o caráter privado da obra de Freyre, que procurou estudar as relações internas da sociedade da época e não apenas sua historicidade. Assim, são muitos os relatos da vida privada presentes em *Casa Grande & Senzala*.

Vale ressaltar ainda os paralelos traçados por Freyre para mostrar as influências da miscigenação na sociedade moderna, como por exemplo o uso da cor vermelha, principalmente no norte do país, que se deve às influências ao mesmo tempo negras e indígenas que davam a estar cor inúmeros significados. Mas o maior paralelo é o da língua portuguesa, prova inigualável de que o Brasil é o país da miscigenação, como prega Freyre.

A constatação se dá pelo falar brasileiro que não é igual ao português, nem ao indígena e nem ao africano, mas sim uma mistura dos três, calcando-se na língua portuguesa européia que foi moldada pelos africanos e pelos índios, recebendo novos vocábulos e novos tonalidades para as palavras já existentes.

## **18. Contexto Histórico**

No ano de 1900, Pernambuco sofria com sua decadência, o Estado, que outrora fora o eixo da economia brasileira, perdia seu status, já que a monocultura de açúcar não era mais importante e as novas configurações do Brasil, agora proclamado império, deslocaram a importância para a nova capital, o Rio de Janeiro.

Essa passagem de poder ocorreu durante o Século XIX, com a queda da monarquia, o poder, já pequeno, das cidades do Nordeste foi deslocado para a região Sul. Pernambuco passou a ser um estado fraco, marcado por intervenções federais durante o período da República Velha. Restava-lhe, particularmente para a cidade de Recife, o luxo de seu passado escravocrata, representado pelos casarões espalhados pela cidade e, por outro lado, uma massa de população desempregada, os antigos escravos, libertos pela Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

Na década de 1920, enquanto Gilberto Freyre terminava seus estudos no exterior, despontava um amplo movimento cultural que repercutiu fortemente sobre a cena artística e a sociedade brasileiras na primeira metade do século XX: o modernismo. O grande marco do modernismo brasileiro foi a Semana de Arte Moderna que ocorreu em São Paulo no ano de 1922 no período entre 11 e 18 de fevereiro no Teatro Municipal da cidade, e da qual participaram nomes consagrados do modernismo brasileiro, como Mário e Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia.

O modernismo brasileiro, em comparação com outros movimentos também denominados modernistas, foi desencadeado tardiamente. Ele resultou, em grande parte, da assimilação de novas tendências artísticas e culturais lançadas pelas vanguardas européias ante da Primeira Guerra Mundial, tais como Cubismo e Futurismo. A grande diferença do modernismo brasileiro em relação ao existente em outros países foi que a assimilação dos modernismos europeus pela vanguarda brasileira fez-se de maneira "antropofágica", para empregar o termo cunhado por Oswald de Andrade e que é a síntese desse movimento cultural brasileiro. Os modernistas brasileiros filtravam as influências européias, tentando, de certa forma, resignificar a arte vinda da Europa, e rearranjar os elementos artísticos vindos de fora, de modo a ajustá-los às singularidades culturais brasileiras. O impacto mais notável do modernismo brasileiro deu-se no campo da literatura e das artes plásticas. Porém as idéias modernistas reverberaram inclusive nos escritos de Gilberto Freyre, que chegou a conviver com vários dos principais nomes do modernismo brasileiro no tempo em que morou na Europa. Existem vários pontos convergentes entre os pensamentos modernistas e os freyrianos, em especial no tocante a valorização das raízes brasileiras, como mostra esse fragmento extraído da obra de Sérgio Millet, mas que bem poderia ter sido escrito por Gilberto: *"Todo este sangue de mil raças / corre em minhas veias / sou brasileiro / mas do Brasil sem colarinho / do Brasil negro / do Brasil índio."*

Porém, Freyre também criticou duramente alguns aspectos do modernismo que se compôs no Brasil, em especial ele considerava que Semana da Arte Moderna trouxe ao Brasil uma europeização, não obstante os esforços "antropofágicos" dos modernistas. Essa opinião acabou por dar-lhe a fama de conservador.

O Brasil e especialmente o Recife em 1923 haviam mudado para pior, nas palavras de Gilberto. Na ânsia em se modernizar o país muitos métodos foram adotados pelos governistas da época. Assim, eram utilizados muitos dispositivos de poder para disciplinar o corpo e a mente do cidadão brasileiro, sendo o discurso médico um dos saberes que em muito contribuiu para a cristalização da imagem do “bom cidadão”. Havia uma grande preocupação em operacionalizar modos para que o país ganhasse uma roupagem mais moderna. Desse modo, árvores centenárias foram arrancadas para que avenidas largas fossem abertas, arcos medievais do Recife foram derrubados para a construção de prédios com arquitetura moderna.

Outro aspecto relevante na história do país que desdobrou em um fator importante na vida e na obra de Freyre foi a Revolução de 30. Durante toda a década de 20 muitos tinham sido os movimentos que tinham como bandeira a mudança da estrutura político-social do país. Todos os movimentos anteriores à Revolução de 30 foram importantes para enfraquecer a política “Café com Leite” praticada no país, abalando-a. Desse modo, em 1929 lideranças do estado de São Paulo romperam a aliança com os mineiros representada por esta política, e indicaram o paulista Júlio Prestes como candidato à presidência da República. Em reação, o presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada apoiou a candidatura oposicionista do gaúcho Getúlio Vargas. Em 1º de março de 1930 houve eleições para presidente da República que deram a vitória ao candidato governista Júlio Prestes, que não tomou posse em virtude do movimento armado desencadeado a 3 de outubro de 1930, e foi exilado. Getúlio Vargas assumiu a chefia do "governo provisório" em 3 de novembro de 1930, data que marca o fim da República Velha.

Assim como *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mocambos* também foi publicado na década de 30, mais precisamente em 1936. Época que o autor presenciava, juntamente com o restante dos brasileiros, a transição de um país agrário para um país com valores industriais. Esse tipo de transição também pode ser observado em *Sobrados e Mocambos* uma vez que o livro aborda a decadência do patriarcalismo e dos senhores de engenho, e a ascensão das cidades.

Ainda no Brasil, o movimento modernista que causou grande polêmica na década de 20, principalmente na Semana da Arte Moderna, teve durante toda a década de 30 sua consolidação. Outras vertentes menos radicais desse movimento começaram a surgir e deselitizar os ideais modernos.

Nesse momento, o mundo presenciava também a formação de grupos totalitários e eugênicos que tentavam expandir seus valores para o maior número de pessoas. Dessa maneira, a década de 30 também ficou conhecida como *A Era da Cultura de Massa*, quando o cinema mudo passou a ser sonoro e começaram as transmissões e recepções radiofônicas. Essas últimas foram favoráveis à disseminação dos ideais totalitários da época. E, é sob esse contexto que Freyre escreve *Sobrados e Mocambos*, mantendo a mesma lógica de *Casa Grande e Senzala* (exaltando a miscigenação) e indo contra o discurso eugênico predominante dessa fase.

Tal regime político, cujo nome foi trazido da ditadura implantada em Portugal por Salazar, durou de 1937 a 1945 sendo pautado em plenos poderes a Vargas. Getúlio Vargas determinou o fechamento do Congresso, outorgou uma nova Constituição que lhe concedia poder sobre o executivo, determinou a extinção de partidos políticos, dentre outras atitudes que comprovam tratar-se de um regime claramente ditatorial.

A época em que o livro *Além do Pós-Moderno* foi escrito no início da década de 70, quando o regime militar já estava vigorando há algum tempo e se encontrava em seu apogeu, o chamado “Milagre Econômico”. Nesta época o país cresceu consideravelmente, já que o PIB crescia a uma taxa de quase 12% ao ano. Mas em contraponto ao desenvolvimento, vários artistas, estudiosos e escritores se encontravam no exílio, pessoas eram torturadas e a censura estava implacável, devido à repressão.

Ao longo da década de 80, Gilberto Freyre recebeu diversas homenagens e medalhas de reconhecimento por seus trabalhos. É o caso da medalha “Honraria da Unesco”, que lhe foi entregue em 1983, por ocasião das comemorações dos 50 anos do lançamento de *Casa-Grande e Senzala*. Também nesse período viaja pelo Brasil e para países como Estados Unidos, em Portugal e na Inglaterra para receber títulos e proferir palestras.

Gilberto Freyre passou por duas cirurgias em 1986 (esôfago e próstata) e com a saúde fragilizada, falece no dia 18 de julho de 1987, no Hospital Português. As homenagens que recebeu refletem a melhor aceitação (através de reedições e lançamentos de livros inéditos) que sua obra começava a ter nos meios acadêmicos e intelectuais, consequência de um período político mais calmo na história do país, e das posições políticas menos radicais adotadas por Freyre no fim de sua vida.



### **Considerações finais**

Gilberto Freyre escreveu sua obra em meados do século XIX, no entanto, suas palavras continuam se eternizando nas gerações que se seguem, o autor de *Casa Grande & Senzala*, procurou mostrar um Brasil livre dos preconceitos raciais que o caracterizavam como uma nação atrasada. Assim, glorificou negros, índios e portugueses; estudou o passado colonial e transcreveu seus pensamentos em uma linguagem simples, longe do academicismo da época.

Herdeiro do legado escravocrata que ainda pairava sobre a Recife do século XIX, Freyre buscou em diversos autores e educadores, as raízes para estudar o Brasil Colonial, encontrando como uma de suas principais fontes a diferenciação entre raça e cultura de Franz Boas, um de seus professores nos Estados Unidos.

A partir da análise da vida e obra de Gilberto Freyre foi possível perceber a sua fundamental importância para o estudo da sociedade brasileira. Criticado muitas vezes pelos historiadores por utilizar métodos não muito convencionais, Freyre representa um marco para a compreensão das relações existentes no período colonial e cujos reflexos são percebidos na sociedade atual.

Mas ao mesmo tempo em que recebe críticas, Gilberto Freyre também é homenageado, recebendo, por muitas vezes, críticas e elogios de uma mesma pessoa. É essa antítese da obra de Gilberto Freyre que pretendemos mostrar neste artigo, juntamente com a sua vida e a história da qual fez parte, elementos fundamentais para dar ao autor a mentalidade e o caráter presente em seus livros.

Em relação a essas críticas, concluímos que parte delas são válidas, principalmente no que diz respeito ao caráter determinista de alguns de seus conceitos. No entanto, não diminuem o valor de seus estudos. Somente o fato de incitar diversas discussões nos dá a dimensão da sua obra. Freyre tocou em pontos até então eram tratados de maneira homogênea pelos intelectuais da época. Ao passar por diversas fases da história brasileira, ele buscava interpretá-la partindo de conceitos sociológicos e antropológicos.



### Referências bibliográficas

COUTINHO, Edilberto (Org.). *Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Agir, 1994. p. 87-94. – Falando de política, sexo e vida

COUTINHO, E. *A ficção do real em Gilberto Freyre*. 133 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981

Entrevista com Madalena Freyre disponível em:  
<http://www2.uol.com.br/JC/2000/2003/cu1503i.htm> Acessado em: 18-0-08

GILBERTO Freyre: um menino aos 83 anos. *Santista*. São Paulo, v. 1, n. 2, nov. 1983, p. 16-18.

*Gilberto Freyre – Biografia*. Disponível em:  
[http://www.miniweb.com.br/Cidadania/Personalidades/gilberto\\_freyre.html](http://www.miniweb.com.br/Cidadania/Personalidades/gilberto_freyre.html) Acessado em: 16-03-08

LARRETA, Enrique Rodríguez. *Gilberto Freyre – Uma Biografia Cultural*. Disponível em:  
[http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/191207/trecho\\_gilberto.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/191207/trecho_gilberto.html) - Acessado em: 20-03-08

MELLO, Evaldo Cabral. O ovo de Colombo. IN: FALCÃO, João. ARAÚJO, Rosa Maria B. de. (Org.) *O Imperador das idéias – Gilberto Freyre em questão*.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1988, pág. 18.

PROUST, Marcel. *O Caminho de Swann*. In.: Em Busca do Tempo Perdido. (ver outros).

REIS, José Carlos. Anos 1930: Gilberto Freyre *O relogio a colonização portuguesa*. In: As identidades do Brasil: de Vannhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

VIZEU, Alfredo. *O primeiro manual de redação do Brasil*. Disponível em:  
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=442MCH001> - Acessado em: 20-03-08

Website da Biblioteca Virtual Gilberto Freyre - <http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/vida/> - Acessado em: 20/03/2008